

## **A Transmissão Psíquica entre Gerações e suas Relações com a Manifestação do Sintoma: Uma Análise do Filme “Álbum de Família”**

Débora Daniele da Rocha Albuquerque, Fernanda Gomes Vasconcelos, Lara Feitosa Cunha Ramos e Maria Carolina Bensoussan Cisneiros.

Faculdade Pernambucana de Saúde

### **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo investigar aspectos da transmissão psíquica geracional e sua relação com a manifestação do sintoma no sujeito e na família, com base no filme “Álbum de família” (2013) do diretor John Wells. No campo do humano, nota-se uma urgência em transmitir, pois cada sujeito se coloca no mundo a partir de uma herança simbólica. Analisar a transmissão psíquica entre gerações é abrir caminho para teorizações a respeito da constituição do sujeito através do efeito dos não ditos, gerando relações sintomáticas e reverberando nas gerações.

**Palavras-chave:** transmissão psíquica; dinâmica familiar; sintoma; cinema; psicanálise.

### **ABSTRACT**

The present study aims to investigate aspects of generational psychic transmission and its relationship with symptom manifestation in the subject and in the family, based on the film “August: Osage County” (2013), by director John Wells. In the human field, notice an urgent need to transmit, as each individual is subject to a world based on a symbolic heritage. Analyze the psychic transmission open ways for theories about the constitution of the subject through the effect of the unspoken, generating symptomatic relationships and reverberating in the following ones.

**Keywords:** psychic transmission; familiar dynamic; symptom; cinema; psychoanalysis.

## **Transmissão psíquica em psicanálise**

No campo humano, nota-se uma urgência em *transmitir*, uma busca por continuidade de geração em geração, sendo possível não partir do zero, onde cada sujeito se coloca no mundo a partir de uma herança simbólica.

Pode-se pensar que se trata de “fazer passar” um objeto, pensamento, história, afeto, representação. Eventualmente, o que é transmitido acarretará modificações, diante do acolhimento e apropriação do conteúdo da transmissão pelo adquirente-herdeiro. O receptor do que é transmitido é visto como beneficiário, herdeiro, servidor forçado, mas também um adquirente singular do que é transmitido.

No entanto, ao se voltar para a psicanálise, não é apenas da transmissão de conteúdos conscientes aquilo que Freud se refere, pois essa formulação não levaria em consideração o conceito fundamental que inaugura a teoria freudiana: o inconsciente. Santos e Ghazzi (2012) relatam que é a partir desta dimensão que se pode pensar no que se é transmitido pela via do aparelho psíquico, em sua origem mais primária, de geração em geração, independentemente do tempo.

A temporalidade proposta por Freud é uma concepção que não supõe a direção linear do passado para o presente. A psicanálise compreende que o passado é continuamente associado ao presente, que o evoca e o ressignifica. (Paes & Rudge, 2011)

Para iniciar a noção do que se tem como transmissão psíquica, é fundamental compreender a relevância do papel do Outro na formação do psiquismo do sujeito. Na teoria lacaniana, o Outro - grafado com letra maiúscula - se diferencia do outro - grafado com letra minúscula - por ser aquele primeiro um lugar enquanto discurso do inconsciente. Segundo Quinet (2012), enquanto o outro remete ao semelhante, na dimensão imaginária, é do Outro que as determinações simbólicas da história do sujeito, todos os ditos dos outros que tiveram importantes representações para ele em sua infância e até antes do nascimento. O sujeito, desde sempre, se constitui a partir do Outro, de seu investimento, do vínculo, das identificações e da linguagem. Bernardino (2006) relata que o surgimento do sujeito dependerá do encontro de duas estruturas: a estrutura biológica do ser humano, com tudo o que ela comporta, e uma estrutura familiar e social, pela qual se transmite o sistema simbólico.

Desde os primórdios dos estudos psicanalíticos desenvolvidos por Sigmund Freud, e também por Jacques Lacan, o conceito de transmissão está presente. Ao trazer alguns recortes da obra freudiana, podemos exemplificar estas formas de compreensão do contexto da transmissão. Freud (1965/1913), analisa em “Totem e Tabu”, o fim da horda patriarcal, a instauração dos sentimentos contraditórios e o sentimento de culpa que emerge após o assassinato do pai, que é transmitido de geração em geração. “Esse assassinato (...) postula de maneira contundente o sujeito como herdeiro do crime dos ancestrais. Todos compartilham os sentimentos de culpa daí advindos” (Inglez-Mazzarella, 2008, p. 41). Ressalta, neste contexto, o quanto a proibição do incesto e do homicídio organizam não só o sujeito quanto a sociedade.

Seguindo a lógica da noção de transmissão na obra freudiana, podemos destacar a obra “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/1996), que trata de uma transmissão psíquica por meio da via narcísica, quando os pais transferem ao bebê seu narcisismo infantil abandonado, reivindicando que realize, em nome deles, desejos aos quais renunciaram.

*“Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. (...) Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele.” (p. 97).*

Nota-se que a teoria psicanalítica se apoia na noção de transmissão em diversos aspectos constitutivos do sujeito. A partir de uma leitura lacaniana, ainda se tratando do narcisismo, é ao se dar conta que esse Outro é faltoso que o bebê vai começar a se questionar sobre o seu próprio desejo. Isso só é possível, pois, em um momento, se fez necessário alienar-se ao desejo e à linguagem de um Outro, criando suas significações através de uma rede simbólica anterior a ele. Antes mesmo que a criança possa pensar ou falar por si, ela já é marcada pela linguagem.

Outro momento da teoria de Freud (1923/1976), em que podemos encontrar o conceito de transmissão está apresentado em O Eu e o Id, sobretudo com os conceitos de Supereu, ideal de Eu e Eu ideal. O complexo de Édipo, vivenciado pela criança, transmite a lei paterna, instaurando o Supereu como fonte de ordem e proibições. Já o Eu ideal traz a noção de que o

sujeito é banhado de significações construídas pelos pais e projetadas no filho, baseando-se em suas próprias experiências narcísicas abandonadas devido à realidade, projetando na criança uma procura pelos seus próprios ideais. Enquanto o ideal de Eu diz respeito a como este sujeito herdeiro irá se voltar para o futuro, se perceber e se projetar. “O ideal de Eu, alcançado por meio da estruturação do Supereu, pode ser entendido como um devir, como uma promessa de recuperação da vivência de completude” (Inglez-Mazzarella, 2008, pp. 72-73).

### **Transmissão intergeracional e transgeracional**

Freud nos remete à noção de que, desde os primórdios da constituição do sujeito, algo está sendo transmitido em diversas vias e esferas, fazendo com que, durante o seu processo de estruturação, se torne herdeiro de transmissões através das gerações. Perante estes aspectos, reflete-se sobre duas modalidades de transmissão psíquica: transmissão intergeracional e transgeracional.

De acordo com Hartman e Schestatsky (2011), a transmissão psíquica intergeracional é entendida como um trabalho de ligações e de transformações estruturantes, viabilizada por um espaço de transcrição transformadora. É um tipo de transmissão psíquica entre gerações que possibilita que uma história seja modificada conforme o tempo e a capacidade de cada geração de simbolizar o legado de seus antepassados. Esta transmissão permite que os descendentes de uma geração possam situar-se em relação às outras. Esta via de transmissão psíquica é constituída pelas fantasias, identificações, história familiar, tradições, culturas, filiações, nomes e símbolos que trilharam gerações.

Na possibilidade do trabalho de transmissão tornar-se alienante, não estruturante para o sujeito, temos a transmissão psíquica transgeracional. Esse tipo de transmissão atravessa as gerações e se impõe em estado bruto aos descendentes, sendo considerada como a via negativa da transmissão psíquica, atuando através da ausência de representação para o sujeito, cercado pelos não ditos.

A transmissão transgeracional é efeito do que foi tentado calar, retornando pela via dos processos inconscientes e se perpetuando através das gerações. Mas o que faz com que esse tipo de transmissão aconteça? Seriam os acontecimentos mais dolorosos? Não necessariamente. A psicanálise entende que qualquer aspecto pode ser alienante para os descendentes sem que haja a possibilidade simbólica. Alguns exemplos seriam lutos não

elaborados, segredos familiares, histórias lacunares, o que não pôde ser contido, retido, lembrado. Tudo aquilo que, não encontrou inscrição no psiquismo dos pais e vem depositar-se na geração sucessora sem simbolização pode retornar sintomaticamente, comprometendo a história do sujeito carente do espaço prévio de transformação.

### **A manifestação do sintoma no sujeito e na dinâmica familiar**

O sujeito precisa ocupar um lugar na família onde haja possibilidades simbólicas, dando seguimento a uma história de várias gerações. Segundo Fernandes, “A família, para a psicanálise, seria [...] o palco onde se desenrola o percurso que vai do mito à estrutura” (Fernandes, 2004, p. 319).

O trabalho realizado pelas gerações diante dos acontecimentos subjetivos pode ser estruturante ou não, de acordo com a forma em que o sujeito lidará com as castrações ao longo de sua vida, do quanto o sujeito suporta simbolicamente estes fatos, decidindo inconscientemente o modo como esta operação psíquica será transmitida para as próximas gerações.

Sendo assim, os não ditos se apresentam, muitas vezes, em forma de sintoma. Se a princípio Freud, devido a sua formação médica, havia considerado o sintoma um rompimento da estabilidade na vida orgânica e psíquica do sujeito, sua experiência na psicanálise vai evidenciando o sintoma como uma resposta a uma satisfação insuportável (Machado, 2003).

*“O sintoma, portanto, é um produto transfigurado pelo impulso de satisfação inconsciente da libido, e pela proteção exercida pelo recalque, atendendo num só momento a dois senhores, mantendo o equilíbrio entre essas instâncias, até que o sofrimento que o acompanha convoque o indivíduo a buscar outra solução.”* (Maia, Medeiros e Fonte, 2012, p. 49).

Freud (1917/2014) questiona-se sobre como a satisfação parcial de uma pulsão, através da realização de um desejo inconsciente, pode produzir desprazer. O sintoma se apresenta como uma solução que visa restabelecer um suposto equilíbrio que teria sido quebrado pelo conflito psíquico, cumprindo sua função no sentido de resolver o conflito, ao mesmo tempo que tem como produto uma satisfação que perturba. Dessa forma, a psicanálise compreende que o sintoma não é algo que deve ser retirado do sujeito para o levar a uma

suposta cura, mas sim algo que desempenha uma função psíquica e que representa uma verdade do sujeito, muitas vezes desconhecida dele mesmo.

### **O filme “Álbum de Família” como instrumento de análise: Uma história de gerações cercadas pelos não ditos e por relações sintomáticas**

Ao levantar a questão da transmissão psíquica entre gerações, abre-se caminho para diversas teorizações a respeito de como o sujeito é constituído dentro de uma dinâmica familiar e de que forma um sintoma pode se manifestar. De acordo com Santos e Ghazzi (2012), essas transmissões produzem padrões que a família repete, causando sofrimento e reverberando nas gerações. Pensando nestas questões, nos utilizaremos do filme “Álbum de família” (2013), do autor John Wells, como instrumento de análise de questões relacionadas ao tema da transmissão psíquica (mais precisamente a transmissão transgeracional) e de como os não ditos se relacionam com a manifestação dos sintomas, resultando em relações familiares adoecidas.

O filme, baseado na peça vencedora do *Pulitzer* de teatro, de Tracy Letts (2007), trata da história de três irmãs que são obrigadas a voltar para casa e cuidar de sua mãe adicta de drogas, depois que o pai alcoolista desaparece. Retornam também outros membros da família e o encontro provoca diversos conflitos, revela segredos do passado de cada um e desenrola-se mostrando uma dinâmica familiar conflituosa, marcada por gerações fragilizadas diante dos não ditos familiares.

O enredo é repleto de retornos ao passado de três gerações de uma família, em que os segredos familiares reincidem ao longo da trama. Álbum de família se passa no Condado de Osage, localizado no estado de Oklahoma, Estados Unidos. Neste local, Violet e o marido Beverly tiveram três filhas: Barbara, Ivy e Karen.

A primogênita, Barbara, apresenta uma relação de muita proximidade com o pai e de ambivalência (amor e ódio) com sua mãe. Entre as irmãs, Barbara é a filha que possui mais características semelhantes à da mãe, como o forte temperamento. A mesma vive um casamento conturbado com Bill, ambos possuem uma filha adolescente chamada Jean, que demonstra certa rebeldia e cinismo em meio aos atritos de seus pais. Karen, filha mais nova, possui como atributos sua sensualidade, demonstra certa fuga da realidade ao projetar sua

vida longe de todo e qualquer problema familiar. Ela está noiva de Steve, com quem quer viver um relacionamento dos sonhos, mesmo que não seja totalmente possível.

Ivy é a filha do meio, sendo a única que permaneceu na cidade após ingressar na vida adulta, que convoca a presença das irmãs após o sumiço de seu pai. Durante a trama apresenta-se como a mais passiva das irmãs, tendo um comportamento mais tímido e reservado, sendo, muitas vezes, alvo de inúmeras críticas de Violet. Ivy se envolve em um relacionamento amoroso com seu primo, Pequeno Charles, o relacionamento é encoberto pelos dois por medo de retaliação pelos outros membros da família. Pequeno Charles é o filho único de Mattie Fae, irmã de Violet, e de Charles. O jovem possui uma relação de afeto com seu pai, porém sua mãe não o poupa de críticas. Além da família, existe Johanna, contratada por Beverly para realizar serviços domésticos e ajudar nos cuidados de Violet.

A família Weston tem diversos problemas, assim como a maioria das famílias. Vícios, câncer, traições, problemas conjugais, atritos entre os membros da família e segredos são elementos presentes na história de muitos e são apenas alguns dos quais podemos destacar na história contada pelo roteirista e dramaturgo Tracy Letts e pelo diretor John Wells.

A trama se passa em agosto, período mais quente do ano no condado de Osage. O título original em inglês do filme e da peça que o originou, *August: Osage County*, enfatiza o local e o período em que a história é contada, fazendo com que sintamos o calor através das cenas e das discussões acaloradas da família. A casa em que se passa boa parte da trama pertence à Violet e Beverly, que possuem anos de casados e diversos acordos e segredos. Beverly é um escritor aposentado de humor melancólico que deixa claro para Johanna, funcionária doméstica contratada pelo mesmo, que faz uso abusivo de álcool, enquanto sua mulher, Violet, das pílulas. Violet possui câncer de boca, o que a faz consumir mais medicamentos com a desculpa de sanar a dor. A mesma se mostra uma mulher amarga e de humor ácido, o que torna a convivência um pouco difícil. A personagem é central em toda a história, participando de praticamente todas as discussões, além de guardar milhares de segredos que fazem parte do enredo familiar, fazendo questão de dizer, em diversos momentos: “Ninguém esconde nada de mim”.

As três filhas do casal - Barbara, Ivy e Karen - se unem novamente após a notícia do desaparecimento de seu pai. Barbara vive um casamento conturbado e assombrado por uma traição cometida pelo marido, Bill, com uma mulher bem mais nova. O casal tem uma filha,

Jean, uma adolescente precoce em um meio conturbado. Ivy é a filha que continuou na cidade e perto dos pais, vive um romance secreto com seu primo, Pequeno Charles, que será posto em risco após a revelação de um segredo sobre os laços consanguíneos entre eles. Mattie Fae, irmã de Violet, revela a Barbara este segredo, trazendo à tona que as duas irmãs, além de terem dividido uma infância sofrida ao lado de uma mãe má, também dividiram o amor de Beverly. Ambas possuem filhos com Beverly, o que torna Pequeno Charles irmão, por parte de pai, das filhas de Violet. Assim, diante da urgência de romper o relacionamento incestuoso entre Pequeno Charles e Ivy, Mattie Fae faz Barbara prometer que irá tentar separar o casal, mas que pretende perpetuar o segredo.

Charles, marido de Mattie Fae, é um pai amoroso com o filho e acha que Pequeno Charles e Beverly possuem alguma semelhança em seu comportamento. Mattie Fae logo faz comentários maldosos sobre o filho na tentativa de desvincular a imagem do pai biológico com a imagem do filho. Pequeno Charles se sente um estranho no ninho, apesar do carinho de seu pai e do amor de Ivy.

Karen vive como se estivesse em um sonho, acompanhada de seu noivo Steve, que possui diversos divórcios. A mesma só pensa em seu casamento e lua de mel, dos quais fala incessantemente mesmo durante o velório de seu pai. Apesar das péssimas condutas de Steve, como uma insinuação sexual a Jean, sobrinha adolescente de Karen, a mesma prefere passar por cima de tudo em prol de uma vida de aparências.

A trama vai se intensificando após descobrirem que Beverly cometeu suicídio. A partir desse fato, toda família se reúne após o seu funeral e é possível presenciar cenas icônicas durante as refeições da família. No decorrer do filme diversos segredos são trazidos à tona. Com isso, membros da família vão saindo de cena, um por um. No final, Violet, revela vários de seus segredos e termina em sua casa vazia.

O filme se mostra como um cenário potente de análise da transmissão psíquica entre gerações. O interesse em tal aspecto surge a partir do envolvimento com o tema por parte das pesquisadoras através de leituras e vivências no contexto de saúde mental. A obra de arte, enquanto recorte e leitura da realidade, interessa ao cientista como todo e qualquer fenômeno humano (Fulgencio, 2013). Considerando essas premissas e amparando-se no referencial psicanalítico, o objetivo desta análise é investigar aspectos da transmissão psíquica geracional

a partir da manifestação de sintomas no sujeito e na família com base no filme “Álbum de família”, através dos não ditos, segredos familiares e suas repercussões.

## **Não ditos e segredos familiares**

“No meu tempo, a família ficava unida”, diz Violet, durante uma discussão com a filha mais velha, Barbara. A problematização dessa frase, dita com tanta propriedade pela protagonista, seria o preço superegóico a se pagar por essa suposta união; por dever e não por amor. Violet, durante toda a trama, demonstra que existe um grande sofrimento diante de tantos segredos em que se viu inserida sem que fosse possível serem ditos, simbolizados ou elaborados. A mãe de Barbara, Karen e Ivy compreende que, enquanto família, permanecer juntos é a função a se cumprir, custe o que custar. O sentimento de união, no entanto, não é visto como uma dádiva familiar, que conforta e ampara a todos em momentos de dificuldade. No filme, a união da família é, antes, uma obrigação que assombra as três filhas do casal Violet e Beverly, que, já vivendo as amarguras da idade avançada, é alimentado por lembranças e angústias.

Com certa aspereza, o jantar após o funeral de Beverly é o cenário em que todos os membros da família se reúnem, apesar de não se unirem. Violet, antes de sentar-se à mesa, já começa com suas provocações ao problematizar o fato dos homens terem retirado seus paletós: “Pensei que fosse um jantar, não uma briga de galos”, ressalta, o que mais tarde, de certa forma, vem a ser. Com isso, todos se levantam constrangidos e “obedecem” ao proposto pela viúva. Violet ao sentar-se na ponta da mesa, ganha mais uma vez o destaque da cena em todo o contexto, problematizando e provocando a todos, especialmente suas filhas.

O momento mostra a fragilidade das relações e as personalidades de cada um, deixando uma tensão no ar enquanto todos “pisam em ovos” para não tocar em assuntos proibidos e não atenuar os conflitos que, por si só, já existem para além do que se deve ou não ser dito. Na outra ponta da mesa encontra-se Charles, mais uma peça chave dos segredos que circundam a família, que é convocado a falar a prece e homenagear o falecido Beverly antes do jantar começar. Tal convocação é feita por Barbara, sua sobrinha, que, alheia tanto quanto o próprio Charles da traição de Beverly com Mattie Fae, ressalta: “Ele deve falar. É o patriarca agora.”

Charles aceita e começa a homenagem, causando desprezo no olhar de Violet, que, até então, não é apresentada pelo filme como ciente do segredo da traição de sua irmã com seu próprio marido. Porém, a partir de uma análise da cena, percebe-se que o desprezo deste olhar vem de um lugar de incoerência, visto que, para Violet, é um tanto humilhante presenciar uma homenagem de Charles ao homem que traiu a ambos, em que o fato continua no não dito para todos.

Ainda sobre o que é dito da história familiar, Violet despeja sua amargura em todos, ao revelar sobre sua infância difícil, deseja impactar trazendo fatos desconhecidos por suas filhas. Tudo é feito de forma “vomitada” sem cuidados em relação ao que sua fala pudesse reverberar como agressão às filhas, ao mesmo tempo em que se evidencia um passado de dor por parte dela e de sua irmã, Mattie Fae. Em meio a uma discussão com sua filha Barbara, declama: “Eu passei dos limites? Essa mulher (aponta para Mattie Fae), veio em meu socorro, quando um dos muitos homens da minha mãe estava me atacando com um martelo! Esta mulher tem depressões no crânio pelas marteladas. O que você sabe sobre ataques? O que você sabe sobre a vida? O que você sabe sobre tempos difíceis?” Percebe-se, nessas e em outras falas, um sofrimento não simbolizado por Violet, que repercute nas histórias dos familiares.

Em outro momento do desenrolar da trama, ao mencionar novamente sobre sua infância difícil e sua mãe diabólica, Violet decide relembrar uma história a respeito das botas que queria ganhar de presente de Natal quando adolescente. Violet fala da mãe como uma mulher diabólica que riu da sua tristeza quando a mesma abriu uma embalagem de presente, mas seu conteúdo não eram as botas de *cowboy* que tanto sonhou durante o ano, e sim botas de trabalho masculinas, cobertas de lama e fezes de cachorro. Ao relatar o fato, Violet chora com um misto de pesar, indignação e reflete: “Minha mãe era uma velha diabólica, acho que herdei isso dela” o que soa como um pedido de perdão perante suas filhas pelo seu comportamento como mãe.

Apesar de Violet tratar a frase final com ironia, a mesma foi capaz de reconhecer uma certa semelhança entre ela e sua mãe. No decorrer do filme, é possível demarcar diversas cenas onde Violet e Mattie Fae repetem essas características “diabólicas” com seu filhos. Elas os subjugam e disparam críticas sem fundamentos que têm como objetivo provocar mal estar em seus descendentes, o despejo de um ódio que lhes fora transmitido transgeracionalmente e que demonstram estar empenhadas em passar adiante.

Ao pensar na relação mãe e filha, Freud e Winnicott discorrem sobre a dificuldade da mulher se separar de sua mãe, fato que marca o destino da mesma e, conseqüentemente, de suas filhas, como afirmado na seguinte citação: “Para toda mulher, há sempre três mulheres: ela mesma, sua mãe e a mãe de sua mãe” (Winnicott apud Zalcberg, p. 6).

De acordo com Ribeiro (2009), a transmissão da feminilidade ocorre de modo intenso ao longo da descendência feminina. O processo de identificação entre mãe e filha ocorre ao longo de toda vida e é constantemente reeditado. A cada desafio de sua trajetória, a mulher é lançada novamente a uma identificação com a mãe. A transmissão da feminilidade percorre as gerações de uma família onde avós, mães e filhas marcam e são marcadas, no corpo e no psiquismo, por suas experiências de mulher e de mãe. Logo vemos que as personagens da trama compartilham muito mais que carga genética. O processo de repetição é visível durante o filme, principalmente se analisarmos a mãe de Violet, Violet, Barbara e Jean, mulheres e herdeiras umas das outras.

Em “Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud (1925/2016) irá aprofundar a discussão do Édipo na menina apontando que, tanto para ela quanto para o menino, o primeiro objeto de amor é a mãe. Assim, questiona como a menina abandona este objeto e toma o pai como tal. Quando a menina percebe que não tem o pênis e reconhece este órgão em outros semelhantes a ela (um irmão, um primo), passa a ter inveja do pênis, *penisneid*. Ou seja, ela sabe que não o possui e quer tê-lo. O pai, então, passa a ser seu objeto amoroso, no lugar da mãe, a quem a menina irá responsabilizar por não ter pênis. A poderosa ligação da menina com sua mãe termina em ódio (Drummond, 2011).

Para Freud, uma das conseqüências psíquicas decorrentes do *penisneid* é a devastação, que se define como uma catástrofe que situa a mãe como responsável pela falta da filha. Assim, ele observa que certas mulheres permanecem em sua ligação original com a mãe, com poucos avanços em relação aos homens (Drummond, 2011).

Lacan, seguindo a direção deixada por Freud e adicionando novas questões e perspectivas em torno do feminino, focará na divisão que o primado do falo introduz na menina, mais do que na castração. Dessa forma, na relação do sujeito feminino com a sexualidade, o falo assume o lugar da falta, uma vez que é pelo que a mulher não é que ela quer ser desejada e amada ao mesmo tempo, podendo encontrar o significante de seu desejo no corpo daquele a quem ela endereça sua demanda de amor (Drummond, 2011).

Percebe-se no filme o embaraço das mulheres da família com seus parceiros amorosos, bem como as demandas de amor que endereçam a eles de forma devastada. Assim, Violet, Barbara, Ivy, Karen e Mattie Fae constroem relações afetivas com seus pares pautadas na catástrofe, com brigas, insultos, traições, incesto, o que aponta para a devastação que vivenciaram na relação com suas mães e para o lado devastador de cada uma frente a um homem.

É possível destacar essa relação das mulheres da família com seus parceiros a partir de uma cena do almoço já citado, em que Violet põe em evidência a catástrofe da relação de Barbara e seu marido Bill. Violet segue alfinetando os membros da família, apreciando o pedestal em que se coloca, onde a mesma deixando claro que não há um cisco naquela família do qual ela não esteja ciente. Percebe-se a intenção dela em menosprezar sua filha Bárbara às custas de algo que ela mesma já sofrera:

Bill:

- É Verdade... Estamos separados (referindo-se a sua relação conjugal com Barbara, onde todos na mesa se espantam, pois ninguém sabia do fato).

Violet:

- Pensou que poderia esconder isso de mim, não é? Ninguém esconde nada de mim (fala de forma tendenciosa). Eu entendo do assunto. Seu pai achava que podia esconder as coisas de mim...

- A verdade é que você não pode competir com uma mulher mais jovem. É uma das coisas injustas na vida (clima tenso). Há uma mulher mais jovem envolvida?

Bill:

- Sim. Há uma mulher mais jovem.

Violet:

- Viu? As chances estão contra você, querida.

Neste diálogo, nota-se a tentativa da repetição de um padrão da manutenção do segredo. A nova família de Barbara, agora em processo de separação, passaria a ser

constituída apenas por mãe e filha, na tentativa de recomeçar a vida após ser traída pelo seu marido. O elemento masculino era mais uma vez uma fonte de sofrimento psíquico para as mulheres da trama, traídas por seus maridos. Nota-se, que a geração futura está fadada a muitas vezes ajustar contas com aspectos que as gerações anteriores não deram conta de solucionar (Benghozi, 2010; Valdanha, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013).

Ainda sobre a análise da transmissão da feminilidade nas gerações, na cena em que Barbara, Karen e Ivy estão reunidas de forma descontraída, conversando sobre aspectos de suas vidas e planos para o futuro, muito vem à tona. Primeiramente, surge uma revelação a respeito da vida pessoal de Ivy. Ela revela que não pode mais ter filhos devido a um câncer cervical que sofreu no último ano, onde precisou passar por uma histerectomia (retirada do útero), fato este que faz surgir o questionamento acerca de uma suposta morte do feminino, assim como uma negação de uma possível transmissão sucessora para um possível herdeiro. Quando questionada por Barbara por nunca ter falado sobre isso com ninguém (exceto o Pequeno Charles, que a ajudou a enfrentar o processo, iniciando assim sua relação amorosa com o primo/irmão, fato, nesta cena, ainda desconhecido por ambos), Ivy rebate sobre o seu sigilo: “E mamãe me encher o resto da vida? Ela não precisa de outra desculpa para me tratar como algo quebrado. Não posso mais perpetuar esses mitos de família e irmandade. Somos pessoas, umas conectadas acidentalmente pela genética, uma seleção randômica de células.”

A partir do discurso cru e amargo de Ivy, questiona-se: que mitos de família e irmandade seriam esses? Que custo teria sustentar uma união adoecedora e que perpetua tantos não ditos e segredos? Tal questionamento dialoga diretamente com a frase dita por Violet logo no início da trama em que “No meu tempo, a família ficava unida”, sendo assim uma tentativa abrupta de romper com esse mito que ronda o núcleo familiar, apontando a necessidade que o sujeito tem em ser dono de sua própria história, tornando-se protagonista de seu devir.

Um dos grandes segredos da família e da trama em si e que foi peça chave para o desenrolar de muitos conflitos, relações fragilizadas e um rancor/culpabilização por parte de muitos é a traição de Beverly e Mattie Fae, que teve como fruto o Pequeno Charles. O fato nunca havia sido dito por nenhum dos dois para os outros membros da família e permaneceu em segredo por anos, porém, o que nenhum deles sabia era que Violet sempre foi ciente da relação e conivente com o segredo em jogo.

Trazendo a dinâmica da relação entre pai, mãe e filho (Charles, Mattie Fae e Pequeno Charles) analisa-se alguns aspectos relevantes. Como já mencionado anteriormente, Mattie Fae não poupa o filho de críticas, menosprezo e comentários maldosos, demonstrando uma culpabilização em relação ao marido e a sua irmã. No aspecto da culpabilização, sintoma que se repete bastante entre os familiares, nota-se que Mattie Fae e Violet partilham quase que de um pacto inconsciente para a perpetuação do mito da irmandade, ambas guardando o segredo e sendo consumidas por ele em diversos momentos para sustentar as relações a todo custo. O Pequeno Charles, por sua vez, aparenta estar sempre inseguro diante do discurso da mãe, pois é nele que Mattie Fae deposita indiretamente toda a culpa que sente por ter traído sua irmã. Já Charles, dito por Mattie Fae como alheio ao fato da traição, sempre acolhe o seu filho de forma amorosa.

Outra repercussão importante do caso de Mattie Fae e Beverly é a relação dos primos/irmãos Ivy e o Pequeno Charles, que vivem um incesto velado, o que faz com que surja a urgência da quebra deste segredo por parte de Mattie Fae.

Ao se referir aos aspectos de algo não elaborado em uma dada geração, Abraham e Torok (1995) enfatizam que nada pode ser abolido completamente, algo se manifestará em gerações seguintes. Nessa linha de pensamento, pode-se refletir sobre as repercussões da traição do segredo nunca dito por Beverly e Mattie Fae em suas gerações sucessoras, provocando entre Ivy e o Pequeno Charles uma identificação amorosa que resulta em um incesto velado. Para esses autores, um luto, vergonha ou segredo que não haja possibilidade de elaboração psíquica, constitui uma pré-história para as gerações seguintes. As gerações herdeiras têm que lidar com uma experiência que não é própria, mas sim de seus genitores, tornando-se possíveis prisioneiros de uma pré-história.

Uma das grandes cenas de destaque do filme gira em torno do momento em que Ivy decide revelar para sua mãe que tem um relacionamento com o Pequeno Charles. O momento é repleto de elementos importantes para a trama e de grande representação simbólica. É durante um jantar com Barbara e Violet que Ivy encoraja-se para conversar com sua mãe sobre sua decisão de ir morar em outra cidade com o seu primo/irmão, com quem tem um relacionamento amoroso. Barbara, já ciente tanto da relação de Ivy com o Pequeno Charles, como do segredo de seu pai e Mattie Fae, se desestabiliza e tenta evitar a todo custo que tudo venha à tona, no intuito de perpetuar o não dito familiar. Em um ápice

de exaltação, Ivy quebra um dos pratos no chão após inúmeras interrupções propositais de Barbara em sua fala, com o intuito de chamar a atenção para o que ela tem a dizer.

É nesse momento que se manifesta a quebra de um dos segredos: a quebra dos pratos metaforiza a quebra dos segredos, surgindo como *acting out* do que não poderia ser dito. O *Acting out* revela o ato que não pode ser expresso simbolicamente, em palavras, e surge através de um modo mais selvagem, cru, grotesco, sem elaboração (Lacan, 2005/1962-1963). Neste caso, quebrar pratos para não quebrar um segredo é, também, não quebrar enquanto sujeito, uma vez que essa verdade parecia insuportável. Só depois disso pode ser expresso simbolicamente, em palavras.

Barbara:

- Estamos quebrando as coisas agora? Também posso quebrar, merda! (joga seu prato no chão).

Violet ri, e também joga seu prato no chão.

Barbara:

- Viu? Todo mundo pode quebrar!

Após a quebra dos pratos, Ivy tenta prosseguir com o que desejava contar, porém, é interrompida dessa vez por sua mãe, Violet, que a atropelou com a revelação de que Ivy é irmã do Pequeno Charles. A mesma reitera: “Viu? Eu disse que ninguém escondia nada de mim”. Ivy fica desamparada, dessa vez, chega ao seu limite com todo o contexto familiar em que se vê inserida e não suporta tamanha decepção com o que acaba de escutar, decidindo ir embora de uma vez por todas.

Ivy:

- Vocês são monstros (chorando enquanto se retira).

Violet:

- Quem é a parte ferida aqui?

Ao analisar a fala de Violet, o significante “ferida” pode ser interpretado de diversas maneiras: uma ferida narcísica diante da traição de sua própria irmã com o seu marido como

também na ferida carregada por ela em seu corpo. O câncer de boca que lhe adoece poderia ser lido como um sintoma diante das amarguras e segredos que já haviam lhe ferido psiquicamente.

### **O sintoma no sujeito e na família**

O câncer de boca da personagem principal ocupa um lugar de destaque na trama, fica implícito que a boca adoeceu daquilo que não pôde falar. Sobre o adoecer do corpo físico, Freud afirma que os sintomas psíquicos desempenham função na economia subjetiva manifestando-se no aspecto corporal. Um corpo doente diz de um sujeito em padecimento, do seu *pathos*, consistindo em uma realização de desejo inconsciente. Dessa forma, a boca humana instaura “o movimento que envolve o sujeito em permanente elaboração na fronteira entre razão e desejo” (Kovaleski & Botazzo, 2006, p. 15). É possível refletir acerca da relação entre sofrimento e desejo a partir do processo de disciplinarização bucal, como parte do que foi tentado calar, do que foi contido, do que precisou se aniquilar em nome de uma suposta razão, como na fala em que Violet reflete com sua filha Barbara sobre o segredo de Beverly e Mattie Fae: “Eu optei por ser superior.”

É neste específico sentido que Kovaleski e Botazzo (2006) perguntam: “Não podendo a boca gozar o tempo todo, viria por acaso adoecer disso?” Na conferência “Os caminhos da formação de sintomas”, Freud (1917/2014) afirma que os sintomas produzem um substituto para a satisfação frustrada mediante a regressão da libido a pontos de fixação da história do sujeito. Assim, o sintoma repete uma modalidade de satisfação infantil, deformada pela censura e vivida pelo sujeito como sofrimento.

Compreendendo o sintoma como uma satisfação pulsional parcial e realização do desejo, entende-se que alguns personagens da trama apresentam sintomas relacionados a adição como forma possível de existência subjetiva. Em um monólogo de Beverly no início do filme, o personagem refere-se a um pacto matrimonial que tem com a esposa sobre a forma com a qual ambos conduzem suas vidas: “É a Violet... minha esposa. Ela toma pílulas. Às vezes, muitas. Os fatos são os seguintes: minha esposa toma pílulas e eu bebo. Isso até recebeu um pequeno parágrafo em nosso contrato de casamento”. Torna-se claro de que ambos utilizam-se da fuga da realidade proporcionada pelas substâncias em questão para lidar com as angústias e os fantasmas que circundam o seu casamento. Outro momento de

destaque no filme é a cena em que a família recebe a notícia de que Beverly fora encontrado morto, todos se deparam com Violet completamente desconexa da realidade após tomar inúmeras pílulas, enquanto os demais descobriram que Beverly havia se suicidado.

Beverly é retratado por Violet como um homem que carregava diversas culpas ao longo da vida. O personagem demonstra que diante da culpa causada pelos por seus atos, foi impulsionado a uma busca de defesas na tentativa de manter um mínimo de equilíbrio psíquico. No filme, o personagem também é tido como um homem misterioso que costumava desaparecer e retornar em alguns momentos de sua vida. Porém, em um dado momento, Beverly precisou lidar com o câncer de sua esposa, o que demandava uma sobriedade indesejada por ele, perdendo seu meio de fuga da realidade que o sustentava. Sendo assim, o suicídio se apresenta como mais um sintoma de toda essa angústia que o personagem vivenciava na trama, retratando o desejo de pôr um fim no sofrimento e nas relações às quais não dava conta. Fensterseifer & Werlang (2006) discorrem que o ato de tirar a própria vida tem íntima relação com um excesso derivado de vivências às quais não foi possível dar uma atribuição de sentido ou obter uma captura no mundo representacional do sujeito.

No fim da trama, o último segredo é posto em jogo. Violet diante de Barbara, revela a verdade sobre o suicídio de seu marido. Ela revela com um certo pesar que desejava ter dito a Beverly que sempre soube do caso com Mattie Fae: "... Mas se eu tivesse a chance... Lá no final... Eu teria dito a ele: "Eu espero que isso não seja por causa do Pequeno Charles! Porque você sabe que eu sei de tudo!" Se eu tivesse falado com ele naquele motel, teria dito: "Você estaria melhor se parasse de se martirizar com essa história antiga."

É nesse momento que Barbara se dá conta que sua mãe sempre soube que seu pai planejava se suicidar. Violet revela que Beverly havia deixado uma carta de suicídio e o contato de um motel onde estaria antes de cometer o ato, caso a mesma desejasse ter uma última oportunidade de conversa, o que não aconteceu. Inconscientemente, quando Violet não responde ao apelo do marido, consente a morte dele "como se não tivesse nada a ver com isso, porém teve. O suicídio de Beverly aparece aqui como o fruto de um não dito, um ato endereçado à Violet, no qual, se a mesma estivesse disposta a escutar, poderia ter barrado a tentativa de morte.

É possível analisar o lugar e a função que o sintoma desempenha para o sujeito através da dinâmica familiar que o filme apresenta. A trama retrata relações fragilizadas e adoecidas diante dos diversos segredos que circundam a família, ao mesmo tempo que causam sofrimento, estruturam e organizam a forma como os sujeitos daquele núcleo familiar se relacionam. A partir disso, nota-se que os personagens lidam com os não ditos e mitos familiares através dos sintomas, sendo estes os responsáveis por dar lugar, como que uma base, a esta dinâmica familiar.

Analisa-se que, no desenrolar da trama, à medida que os segredos eram expostos, os integrantes da família não suportavam e iam embora. Mattie Fae decide ir embora junto com Charles e o Pequeno Charles quando revela o segredo de sua infidelidade para sua sobrinha Barbara. Steve e Karen vão em seguida, após Karen descobrir que o seu noivo estava investindo sexualmente em sua sobrinha, Jean. Logo, Bill decide levar sua filha adolescente para longe de todo aquele contexto. Como já mencionado anteriormente, Ivy também decide ir embora após a descoberta de que vivia um relacionamento amoroso com o seu irmão, Pequeno Charles.

Retoma-se aqui a cena final entre Barbara e Violet, logo após revelação sobre a carta de suicídio de Beverly:

Violet:

- Você quer mostrar quem é o mais forte, Bev? (gritando, sob efeito de medicamentos)
- Ninguém é mais forte do que eu, merda! (tom de deboche)
- Quando não houver mais nada, quando tudo se for, desaparecer, eu estarei aqui! (gritando, bate na mesa)
- Quem é o mais forte agora, filho da mãe? (gritando, olhando para cima)

(Barbara observa em silêncio, olhar melancólico, assustada)

Barbara:

- Você está certa, mãe. Você tem razão... (caminha em direção a Violet e dá um beijo em sua cabeça)

- Você é a mais forte. (sai andando em direção a porta)

Violet:

- Sou... (acende um cigarro e percebe que Barbara foi embora)
- Barbara?! Barb? Barbara?!

Eis aqui, o desfecho evitado por Violet durante toda a vida, a solidão, o que ela parece conseguir ao final do filme, através da metáfora da sala vazia. Ao analisar trechos da fala da personagem, questiona-se acerca da “força” mencionada por ela: a força que a fez calar durante tantos anos e suportar os não ditos para sustentar uma união familiar adoecida. “No meu tempo, a família ficava unida”, fala marcante da personagem, que ilustra a intenção de Violet em manter os laços familiares a todo custo. É nesta cena final, em que Barbara renuncia à disputa pelo lugar de força com sua mãe, deixando-a sozinha, que percebe-se que ela não entrara numa briga com a matriarca, tal como uma queda de braços. Desistirá dessa posição de engordar o sintoma materno, fazendo valer que quando as coisas são ditas, perde-se o que estruturava as relações e, quem sabe, poder-se-á rumar para relações mais simbolizadas e elaboradas psiquicamente pela atual e próximas gerações.

### **Considerações finais**

O filme “Álbum de Família” é o retrato de uma dinâmica familiar onde a transgeracionalidade se faz presente nos sujeitos marcados pelos não ditos dos acontecimentos de gerações antecedentes, perpetuando os mitos e sintomas familiares.

A transmissão psíquica geracional seria a inscrição do sujeito em uma cadeia da qual ele é elo e, ao mesmo tempo, submete-se. Tal processo refere-se à estruturação da subjetividade, ao desenvolvimento psíquico daquilo que é herdado, assim como ao seu pertencimento ao grupo familiar. Kaës (1998) ressalta que a transmissão psíquica geracional implica a precedência do sujeito por mais de um outro e a forma como ele lida com a herança, sendo também cuidador, pensador e até criador daquilo que foi transmitido.

Kaës (1998) afirma que a transmissão psíquica é responsável por desencadear repetições e padrões que recriam histórias e relações familiares adoecidas, pontos destacados

na análise acerca do filme “Álbum de Família”. Foi possível perceber, através do desenrolar das histórias de cada personagem, como estes se viam atravessados pelos não ditos familiares, geradores de sintomas e comportamentos que eram repetidos sem qualquer elaboração simbólica. Muitas vezes, o sujeito não suporta estes fatos e perpetua relações sintomáticas.

É importante que haja a possibilidade do sujeito construir e transformar suas heranças, elaborando simbolicamente o legado que recebe, para que possa transmiti-lo com sua marca transformadora. Também pode-se destacar, no tocante à análise do filme, que este padrão de repetições começa a ser quebrado pelos personagens, uma vez que os segredos familiares se tornam ditos, possibilitando a cada um operar novas escolhas em suas vidas. Sendo assim, é extremamente necessário que o sujeito se faça dono de sua própria história, tornando-se protagonista de seu devir.

## **Referências**

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). A casca e o núcleo, trad. *Maria José Coracini, S. Paulo: Escuta.*
- Benghozi, P. (2010). Malhagem, filiação e afiliação – Psicanálise dos vínculos: Casal, família, grupo, instituição e campo social. (E. D. Galery, Trad.). São Paulo: Vetor.
- Bernardino, L. M. F. (2006). O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição. *São Paulo: Escuta.*
- Drummond, C. (2011). Devastação. *Opção Lacaniana Online*, 2(6), 1–14.
- Abraham, N. & Torok, M. (1995). A casca e o núcleo (M. J. R. F. Coracini, Trad.). São Paulo: Escuta.
- Fernandes, A. H. (2004). Trauma e estrutura familiar. *Revista Subjetividades*, 4(2), 313-328.
- Freud, S. (1965). Totem et tabu. Paris: Éditions Payot. (Originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (1996). “Sobre o narcisismo – uma introdução”. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914)

Freud, S. (1976). O ego e o Id (J. Salomão, Trad.). Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol.XIX, pp. 13- 83). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1923)

Freud, S. (2014). Os caminhos da formação de sintomas. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Sergio Tellaroli, trad., vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1917)

Freud, S. (2016). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Paulo César de Souza, trad., vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1925)

Fulgencio, L. (2013). Metodologia de pesquisa em psicanálise na universidade. In C. A. Serralha, & F. Scorsolini-Comin (Eds.), *Psicanálise e universidade: Um encontro na pesquisa* (pp. 25-66). Curitiba: CRV

Hartmann, I. B., & Schestatsky, S. S. (2011). Transmissão do psiquismo entre as gerações. *Revista brasileira de psicoterapia. Porto Alegre. Vol. 13, n. 2 (maio/ago. 2011), p. 92-114.*

Inglez-Mazzarella, T. (2008). Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações. *Revista Brasileira de Psicanálise, 42(4), 163.*

Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer (Ed.), *A transmissão do psiquismo entre gerações* (pp. 55-19). São Paulo: Unimarco.

Kovaleski, D. F., Freitas, S. F. T. D., & Botazzo, C. (2006). Disciplinarização da boca, a autonomia do indivíduo na sociedade do trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva, 11(1), 97-103.*

Lacan, J. (2005). O seminário: A angústia (1962-1963). *Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.*

Machado, O. M. R. (2003). O sintoma freudiano e o gozo. *Cad. psicanál.(Rio J., 1982), 157-178.*

Maia, A. B., de Medeiros, C. P., & Fontes, F. (2012). O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. *Estilos da clínica*, 17(1), 44-61.

Paes, F. F., & Rudge, A. M. (2011). Está no sangue: transmissão e psicanálise. *aSEPHallus*, 6(12), 127-156.

Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Ribeiro, M. F. D. R. (2009). De mãe em filha: a transmissão da feminilidade.

Santos, V. O., & Ghazzi, M. S. (2012). A transmissão psíquica geracional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 632-647.

Wells, J. (2013). *Álbum de Família* [longa-metragem]. Estados Unidos da América: The Weinstein Company.

Werlang, B., Fensterseifer, L., & Borges, V. R. (2006). Dor psicológica e suicídio: aproximações teóricas. B. Werlang & MF Oliveira (Edt) *Temas em Psicologia Clínica*, 67-76.

Zalberg, M. (2003). *A relação mãe & filha*. Gulf Professional Publishing.